

Cultura e contemporaneidade: manifestações em dialogia

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

UNESP – FCL Assis

RESUMO: Este texto tem por objetivo ampliar o debate acerca da produção cultural na contemporaneidade, bem como propor atividades práticas de natureza dialógica que assegurem a democratização da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Atividades práticas; Dialogia; Contemporaneidade.

No mundo ocidental do final do século XX e início do XXI, mais especificamente na sociedade urbana própria do sistema capitalista, vive-se um paradoxal fenômeno. Para Arnaldo Cortina (2006, p.101), nesse cenário, os valores coletivos parecem cada vez mais suplantados pelos individuais e passam a existir diferentes relações e necessidades. Prevalece, no mundo capitalista moderno, o isolamento do sujeito e isso faz com que ele se volte para si mesmo. Apoiando-se em Lipovetsky, Cortina afirma que o mundo contemporâneo vive a era do vazio, entendida como pós-moralista, em que o conceito de sacrifício foi substituído pelo de prazer, a moral de herança religiosa, por sua vez, desacreditada, e a ética ganhou diferentes contornos (2006, p.101).

Para Lipovetski (2005 apud CORTINA, 2006, p.142), o homem sente-se fragmentado na sociedade pós-moderna, pois vivencia sentimentos antagônicos em situações cotidianas paradoxais, pois o consumo acelerado coloca-o diante de muitos objetos aos quais pode ter acesso e, também, diante de outros que deseja, mas não pode obter, produzindo assim uma sensação de vazio. A valorização do consumo incrementa o sentimento de angústia e de estresse quando o sujeito não consegue responder positivamente a essa ordem. Por sua vez, a descrença nas instituições, na religião, na educação, faz com que sinta necessidade de preencher esse vazio com algo, colocando em primeiro plano a questão da individualidade em detrimento da coletividade. Há, então, um processo de individualização que assume um contorno euforizante.

Justifica-se, então, que nesse período, como atesta Cortina, haja elevado índice de vendas de produtos culturais voltados para a autoajuda e o entretenimento (2006), pois o leitor brasileiro está mais preocupado com aquilo que o toca de forma mais direta, seus

problemas e angústias existenciais, do que com a fruição de um objeto estético. Há uma relação direta entre seu desejo imediato e aquilo que consome. O sujeito, então, “[...] é movido por um querer e busca no objeto que consome o contato com um saber capaz de dar uma resposta que satisfaça seu desejo.” (2006, p.95).

Há, por meio da industrialização dos produtos culturais, um aumento da oferta de bens culturais, decorrente do incremento do consumo na era pós-moderna e da aceleração da circulação do capital, imposta pelo sistema econômico capitalista. Esse processo leva o homem contemporâneo a buscar preencher o vazio que o cerca por meio do consumo de bens de diferentes ordens, principalmente, conforme Sandra Reimão, os de “facilitação psicológica” (1996 apud CORTINA 2006, p.140).

Segundo Jair Ferreira dos Santos (1986, p.87), as sociedades pós-industriais, planejadas pela tecnociência (ciência aliada à tecnologia), programam a vida social dos indivíduos em todos os detalhes. Desse modo, embora a produção seja massiva, o consumo é personalizado, o sistema propõe e o sujeito dispõe. Há ofertas variadas de produtos culturais, entre eles pode-se escolher um, optar por um. Entretanto, deixar de consumir, não se apresenta como opção.

Conforme Zygmunt Bauman (1998, p.55), os que não podem agir, conforme com os desejos induzidos pelo mercado de bens simbólicos, são diariamente regalados com o deslumbrante espetáculo dos que podem fazê-lo. O consumo em abundância lhes é apresentado como a marca do sucesso e o caminho que conduz ao aplauso público e à fama. Assim, quem não realiza o consumo é “falho”, por isso deve sofrer as agruras e tormentos dos que são excluídos, fracassados, postos à margem da sociedade. A situação problemática que advém da valorização do consumo é o hiato entre os que podem satisfazer seus desejos de consumo e os que, embora, seduzidos, mostram-se impossibilitados de fazê-lo. Disso, resulta o aumento da criminalidade, pois os assaltantes, gatunos, ladrões de carro e furtadores de loja, bem como seus *alter egos*, os grupos de punição sumária e os terroristas, “[...] aprendizes vorazes e devotos crentes da revelação pós-moderna, ávidos por levar as receitas de vida sugeridas por aquela lição [do consumo] até sua conclusão radical”, desrespeitam as leis ou as fazem com as próprias mãos, a fim de obter seus objetos de desejo (1998, p.26). A brutalização dessa sociedade aparece também nos elevados índices de drogados entre proscritos do sistema que buscam obter nas drogas um sucedâneo para os instrumentos de êxtase dos ricos.

Desse modo, a sedução do mercado vem a ocupar o lugar de distinção entre indivíduos e classes, sendo simultaneamente a grande igualadora e também a grande divisora. Em sua versão mundializada, a classificadora entre países ricos e pobres.

Para Jean-François Lyotard (1989, p.125), é “[...] contraditório com a força reger-se pela fraqueza.” Assim, as necessidades dos mais desfavorecidos não devem servir como regulador do sistema, embora se conheça a maneira de satisfazê-las, a sua satisfação não pode melhorar as performances do sistema, mas apenas aumentar os seus gastos.

Renato Ortiz (2006, p.120-1) defende que o anonimato das grandes cidades e do capitalismo corporativo pulveriza as relações sociais existentes, deixando os indivíduos “soltos” na malha social. Assim, há um vácuo na orientação das relações pessoais que conduz ao descontentamento. Justamente, por isso, a sociedade inventa novas instâncias para a integração das pessoas. Como exemplo de uma delas, o autor menciona a publicidade que cumpre o papel de elaborar o desejo do consumidor atomizado, conferindo-lhe certa estabilidade social. Nesse contexto em que o mercado torna-se uma das principais forças reguladoras, a tradição torna-se insuficiente para orientar a conduta, quem a orienta, então, é a mídia, oferecendo produtos que prometem segurança e autorrealização. Assim, a publicidade adquire um valor compensatório e pedagógico. A mídia e as corporações assumem, então, “[...] um papel que supera a dimensão exclusivamente econômica, configurando-se em instâncias de socialização de uma determinada cultura, desempenhando as funções pedagógicas que a escola possuía no processo de construção nacional.” (ORTIZ, 2006, p.146).

A consolidação da mídia deveu-se às inovações tecnológicas da sociedade pós-industrial que favoreceram a mundialização da cultura e formaram a infraestrutura material. Para Ortiz (2006, p.62), a articulação entre ciência e tecnologia implica em transformações profundas no setor produtivo, criando novas classes sociais e padrões de racionalidade. As novas tecnologias incidem diretamente sobre as noções de tempo e espaço, estimulando a integração e a sincronia. Desse modo, com a microeletrônica, a codificação e a transmissão das mensagens adquirem um caráter de transversalidade. Assim, um evento remoto torna-se próximo, contudo, o que nos rodeia pode estar afastado (2006, p.64).

De acordo com Ortiz (2006, p.123), na sociedade pós-industrial, o consumo é apresentado como exercício de cidadania. Logo, é no mercado que o indivíduo exerce a sua “liberdade”, autonomia de escolha, firmando sua individualidade. Nesse espaço, ele

se identifica com outros, quanto ao padrão de comportamento de consumo, formando assim um “nós”. Entretanto, faz-se necessário refletir sobre esse “nós” disposto em categorias de consumidores, próximo do que lhe é distante e remoto, mas separado do que o cerca, principalmente, dos espaços de pobreza que se afastam, pelas suas insuficiências de consumo, dos ideais cultivados pela modernidade-mundo. No Brasil, a ideologia do consumo revela, conforme Ortiz (2006, p.221), um etnocentrismo às avessas, existe um outro que fica à margem, “[...] denunciando no seu silêncio, a presença incômoda de sua voracidade.”

A individualização não está relacionada à identidade, porque, segundo Bauman, em um mundo, no qual os objetos duráveis foram substituídos pelos produtos disponíveis projetados para a imediata obsolescência, o seu significado refere-se tanto a pessoas como coisas, objetos de consumo que se detém. Nesse mundo, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa, assim todo trabalho diligente de construção pode mostrar-se inútil. Prevalece, então, a “identidade de palimpsesto” que se ajusta ao mundo em que a arte de esquecer é um bem mais importante do que a de memorizar. Assim, esquecer, mais do que aprender, torna-se condição de contínua adaptação, a própria memória é como uma fita de vídeo, sempre pronta a ser apagada para receber novas imagens (1998, p.36-7).

Nesse contexto, a cultura corre o risco de se esgotar em um uso utilitário, associado à esfera da produção, da necessidade. Desse modo, as manifestações transformadas em produto, dificilmente podem ser vistas como ato verdadeiramente cultural que possibilitam trocas simbólicas de sentidos que dizem respeito ao estar-no-mundo. Em tais condições, os produtos culturais são forjados como construção, destinados a modelar o real, e não a dialogar com ele. Para Andreas Huyssen (1997, p.20), a valorização da memória é sinal potencialmente saudável de contestação, sobretudo, do hiperespaço informacional, e uma “[...] expressão da necessidade humana básica de viver em estruturas de temporalidade de maior duração.”

Segundo Nicolau Sevcenko (2001, p.89), resulta disso uma situação em que o acesso às informações, predominantemente sob a forma de imagens, releva que estas são mais importantes do que os conteúdos. Nessa sociedade individualista, as pessoas são estimuladas a concorrer agressivamente umas com as outras, em detrimento de ações de colaboração ou sentimentos de solidariedade. Desse modo, predominam, sobre os contatos diretos e o calor humano, as relações ou comunicações mediadas pelos recursos tecnológicos.

A excessiva exposição e visibilidade de certas manifestações culturais, no mercado de bens simbólicos e em mídias das mais diferentes inserções, não contemplam as culturas locais, regionais e populares. Justamente por isso, justifica-se o desenvolvimento de um trabalho, junto a grupos distantes dos centros hegemônicos, de levantamento e acompanhamento de diferentes discursos culturais presentes em diversos suportes.

A percepção da manifestação cultural como uma prática social que remete a outros textos e a outras leituras, explicita a dialogia entre as produções de povos diversos, tornando a cultura local de uma região mais interessante e saborosa para os sujeitos dessa comunidade. O diálogo entre obras e manifestações culturais, uma vez detectado pelo sujeito e manifesto, transforma o espaço de debates e discussões em local de expressões de interpretações diversas (BAKHTIN, 1995). Dessa forma, os indivíduos, por meio de seus relatos, podem perceber que cada sujeito possui, a respeito de uma manifestação cultural ou de um texto, uma interpretação diversa e esta merece ser considerada, pois advém de seu referencial artístico e cultural, enfim, de suas experiências individuais.

As interpretações de diversos sujeitos acerca de manifestações culturais são intelectualmente provocativas, pois permitem que vários pontos de vista sejam utilizados para examinar pensamentos, crenças e ações. A eleição pelo caminho da dialogia deve-se também à hipótese de que uma estratégia para incentivar a leitura plurissignificativa de manifestações diversas reside no diálogo entre produções de um mesmo grupo ou autor, ou de diferentes povos ou autores, que se instaura no interior de cada texto e o define.

Desenvolver um trabalho com textos diversos, implica partir das produções presentes na oralidade para se chegar às produções escritas, buscando assegurar um repertório cultural da comunidade dita culta. Não como manifestação superior à local, mas como equivalente e válida, pois, uma vez conhecida, assegura ao indivíduo o contato com produções que sempre lhe pertenceram, ou seja, fazem parte de sua herança cultural.

Para o trabalho com as produções escritas, faz-se necessário assegurar as competências de leitura. Para Jauss (1994, p.50), a função social da leitura “[...] somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social.” Assim, o contato com textos literários ativa nos sujeitos o que Candido (1995, p.249) entende por humanização: “[...]”

processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.”

A maior parte das críticas às produções regionais e populares desconsidera a complexidade da produção de bens culturais nas sociedades tecnológicas contemporâneas e seus modos de circulação. Essas críticas concebem toda produção regional e popular como inferior à dos grandes centros. Assim, esquecem que muitas produções contemporâneas são alienantes, filiadas aos modismos de consumo, às exterioridades do mundo do espetáculo, da performance, promovendo modelos ou ideais de vida, muitas vezes, inatingíveis, que conduzem à sensação de fracasso, porque visam apenas à realização do ser exterior, das aparências, da conquista fácil e efêmera.

Essas críticas estabelecem, então, uma relação de cumplicidade entre produção cultural, lógica de mercado e do espetáculo, condenando toda produção cultural diversa, por não representar ganho financeiro, por meio de sucesso de vendas, inclusive, mundialmente. Trata-se da valoração cultural na pós-modernidade. Tem-se consciência da complexidade do próprio conceito de pós-modernidade, concebida como condição determinada social e historicamente, usado como sinônimo por autores diversos de sociedade pós-industrial, modernidade radicalizada, era pós-moderna etc. Contudo, opta-se neste texto por utilizá-lo em consonância com Zygmunt Bauman (1998, p.30) como “[...] o tempo em que vivemos agora na nossa parte do mundo (ou, antes, viver nessa época delimita o que vemos como a “nossa parte do mundo”...).” Assim, entende-se, pós-modernidade como associada aos aspectos políticos e sociais da contemporaneidade.

Há uma paradoxal relação que se estabelece na sociedade contemporânea entre produção cultural e receptor. A crítica deflagrada, conforme Ceccantini, “[...] é emblemática da cisão que ainda hoje afeta o universo da cultura: *cultura erudita/cultura de massa; alta cultura/baixa cultura; arte/indústria cultural* [...]”. (2005, p.23). Para o autor, essas dicotomias presentes no debate cultural revelam uma posição maniqueísta que divide a produção cultural, que circula sob a rubrica dos diferentes gêneros e subgêneros literários, entre a legítima e prestigiada, e o “resto”.

Partindo do pressuposto de que a cultura em todas as suas manifestações sociais, sobretudo em suas relações dialógicas, merece ser estudada e conhecida, torna-se fundamental o conceito de intertextualidade. Esse conceito interessa neste texto, uma vez que, para estabelecer uma comunicação com o receptor, um texto mobiliza sua memória,

seu repertório cultural. Esse processo ocorre, porque a intertextualidade substitui o relacionamento entre autor e texto, pelo entre receptor e texto, situando o *locus* do sentido textual dentro da história do próprio discurso (HUTCHEON, 1991, p.166). Parte-se também do pressuposto de que a comunicação ocorre quando há interpretação, interação. Para que a interação entre texto e receptor, por sua vez, resulte em interpretação, faz-se necessário que o receptor projete a expectativa e a memória uma sobre a outra. Para Iser (1996), o papel da leitura é o de promover sínteses que constituirão correlatos que, por sua vez, impulsionarão expectativas. Por meio desse processo, o receptor atualiza e modifica o objeto, desenvolvendo novas expectativas. Desse modo, alternando “[...] o ponto de vista de uma perspectiva de apresentação para outra, o texto se divide na estrutura de protensão e retenção [...]”. (ISER, 1999, p.55).

Em síntese, apresenta-se a seguir um quadro explicativo das diferentes atividades que podem ser oferecidas, visando ampliar o repertório cultural dos indivíduos e elevar, por meio da valoração de suas manifestações culturais locais, orais e escritas, sua autoestima. Os textos, de gêneros diversos, que serão apresentados durante a consecução dessas oficinas, objetivarão estabelecer dialogia com as produções pertencentes ao universo dos sujeitos envolvidos. Entende-se neste texto, gênero, em consonância com Bernard Schneuwly (2004, p.27), como um instrumento semiótico, uma forma de linguagem prescritiva que permite a produção e a compreensão de textos de forma concomitante.

Sugestões de atividades

ATIVIDADE INICIAL	INSERÇÃO SOCIAL DO(S) TEXTO(S) APRESENTADO(S) E/OU RELATADO(S)	OBSERVAÇÃO DA ESTRUTURA DISCURSIVA DO(S) TEXTO(S)	ESCOLHA DE UNIDADES LINGÜÍSTICAS PARA ESTRUTURAÇÃO TEXTUAL	ESTABELECEER DIALOGIA
Primeiro encontro (duas horas com quinze minutos de intervalo)				
1) ORAL: 1. Depoimentos de vida, relatos de experiência.	1) ORAL: 2. Opinar acerca do que foi relatado.	1) ORAL: 3. Confrontar no grupo as diferentes opiniões apresentadas. 4. Perceber as diferenças entre pontos de vista.	1) ORAL: 5. Formular questões da ordem do porquê.	1) ORAL: 6. Estabelecer relações entre os relatos de vida apresentados ao grupo com filmes, músicas, livros, entre outros, presentes nos meios de comunicação

		<p>1) ESCRITA:</p> <p>1. Elaborar uma síntese dos relatos expostos, destacando pontos em comum entre eles.</p>	<p>1) ESCRITA:</p> <p>2. Atentar para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a utilização de operadores argumentativos: de causa, de consequência, de fim etc.; • formular questões da ordem do porquê. 	<p>diversos (TV, rádio, jornal etc.).</p> <p>1) ESCRITA:</p> <p>3. Registrar as analogias em um quadro comparativo.</p>
<p align="center">Segundo encontro (duas horas com quinze minutos de intervalo)</p>				
<p>2) ORAL:</p> <p>1. Defender uma opinião diante do grupo acerca de um fato noticiado na semana.</p> <p>2) ESCRITA:</p> <p>1. Observar as opiniões dispostas em textos diversos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • carta de um leitor; • letra de uma música de compositor local; • letra de um poema da literatura de cordel; • carta de reclamação (destinada a uma autoridade); • histórias em quadrinhos; • editorial de um jornal de grande circulação; • resenhas de filmes etc. 	<p>2) ORAL:</p> <p>2. Debater sobre as diferentes opiniões acerca do que foi relatado.</p> <p>3. Ouvir uma música, cantá-la e expressar oralmente uma opinião sobre ela.</p> <p>2) ESCRITA:</p> <p>2. Reconstruir a questão e o assunto que deram origem ao texto.</p> <p>3. Identificar e levar em conta o destinatário de cada texto.</p> <p>4. Detectar a intencionalidade de cada texto.</p>	<p>2) ORAL:</p> <p>4. Confrontar no grupo as diferentes opiniões apresentadas sobre a música.</p> <p>2) ESCRITA:</p> <p>5. Hierarquizar a sequência de argumentos de cada texto.</p> <p>6. Produzir uma conclusão coerente com os argumentos expostos nos textos.</p> <p>7. Identificar cada argumento na conclusão do texto.</p>	<p>2) ORAL:</p> <p>5. Atentar para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a utilização de operadores argumentativos: de causa, de consequência, de fim etc. 	<p>2) ORAL:</p> <p>6. Estabelecer analogias entre os textos apresentados e, entre esses, e filmes, músicas, livros etc., presentes nos meios de comunicação diversos.</p>

Terceiro encontro (duas horas com quinze minutos de intervalo)				
<p>3) ORAL:</p> <p>1. Reflexão acerca de dificuldades advindas da falta de compreensão de textos instrucionais.</p> <p>3. Depoimentos de receitas diversas para socialização.</p> <p>3) ESCRITA:</p> <p>1. Leitura de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • bulas de remédio; • receitas de pratos diversos (feitas com produtos da região do aluno ou da estação); • folhetos, • jornais comunitários; • manuais para funcionamento de equipamentos. 	<p>3) ORAL:</p> <p>2. Dar opinião sobre situações em que esses textos foram utilizados na vida cotidiana.</p> <p>4. Apresentar variações de uso para os mesmos ingredientes.</p> <p>3) ESCRITA:</p> <p>2. Transcrever uma receita ditada por um elemento do grupo.</p>	<p>3) ORAL:</p> <p>5. Detectar e apresentar para o grupo a hierarquização dos procedimentos para o sucesso da receita.</p> <p>3) ESCRITA:</p> <p>3. Observar os verbos imperativos utilizados nesses textos, com a finalidade de conduzir à ação.</p>	<p>3) ORAL:</p> <p>6. Antever procedimentos e organizá-los em uma sequência lógica.</p> <p>3) ESCRITA:</p> <p>4. Recriar uma receita, utilizando para tanto dos conceitos de coesão e coerência.</p>	<p>3) ORAL:</p> <p>7. Estabelecer analogia entre os textos apresentados e outros de conhecimento do grupo.</p> <p>3) ESCRITA:</p> <p>5. Utilizar organizadores sequenciais de texto e verbos no imperativo.</p>
Quarto encontro (duas horas com quinze minutos de intervalo)				
<p>4) ORAL:</p> <p>1. Narrar uma história que ficou no imaginário da população local.</p> <p>2. Contar uma lenda; uma fábula; um conto de fadas etc.</p> <p>4) ESCRITA:</p> <p>1. Ler um texto do folclore brasileiro e/ou indígena, uma lenda, um conto de fadas</p>	<p>4) ORAL:</p> <p>3. Interpretar e expressar para o grupo a visão de mundo que perpassa esses textos.</p> <p>4. Relatar história semelhante já ouvida e/ou lida.</p> <p>5. Dramatizar cada texto em grupos.</p> <p>4) ESCRITA:</p> <p>2. Redigir uma breve apreciação de um desses textos.</p>	<p>4) ORAL:</p> <p>6. Observar a progressão discursiva que se instaura nos textos.</p> <p>7. Diagnosticar as diferentes opiniões das personagens.</p> <p>4) ESCRITA:</p> <p>3. Identificar cada argumento na constituição dessas opiniões.</p>	<p>4) ORAL:</p> <p>8. Recontar (paráfrase ou paródia) os textos apresentados.</p> <p>4) ESCRITA:</p> <p>4. Antever procedimentos narrativos e organizá-los em uma sequência lógica.</p>	<p>4) ORAL:</p> <p>9. Estabelecer analogia entre os textos apresentados e outros de conhecimento do grupo.</p> <p>4) ESCRITA:</p> <p>6. Utilizar organizadores sequenciais de texto e “verbos de dizer”.</p>

proveniente da cultura europeia, uma peça de teatro etc.			5. Reescrita (paráfrase ou paródia) dos textos apresentados, utilizando para tanto dos conceitos de coesão e coerência.	
--	--	--	---	--

Exemplos de práticas com Literatura e outros elementos em dialogia

A) Muitos desenhos animados e histórias em quadrinhos narram sagas de heróis em diferentes ambientes e contextos. Produções contemporâneas utilizam recursos imagéticos relevantes pela criatividade e ousadia da linguagem que procura dialogar de modo mais intenso com os jovens leitores: é o caso das *graphic novels* de personagens longevos como Batman e Homem-Aranha. Parte considerável dessas histórias pode ser vista pela internet, propiciando a correlação entre elas e as narrativas clássicas.

B) Os livros *Belezura marinha* (2010), *Sobrevôos* (2008), de Lalau, com ilustrações de Laurabeatriz, e *Rimas da floresta*: poesia para os animais ameaçados pelo homem (2007), de José Santos, com ilustrações também de Laurabeatriz, apresentam ilustrações belíssimas e cativantes, pois dotadas de cores intensas, compostas com efeitos de textura que conferem relevo aos seres representados, dispostos em cenários naturais e urbanos. A correlação com as Ciências da Natureza permite ao aluno reconhecer as diferentes implicações de sentido de acordo com os discursos científico e poético.

C) Filmes como *Madagascar* (2004), dirigido por Eric Darnell, Tom McGrath e Pierre Dominique; *Rio* (*Rio: The movie*, 2011), dirigido por Carlos Saldanha; e *A era do gelo* (*Ice age*, 2001), dirigido por Chris Wedge e Carlos Saldanha, exploram o humor, com desenhos compostos por cores intensas e dispostos em cenários surpreendentes. Esses filmes permitem a ampliação do debate acerca da manutenção de animais em cativeiro, do tráfico de animais em extinção e da ação do homem no meio natural. Porém, mais que o tema, a forma visual empregada é fundamental para que os leitores tenham diferentes modelos de ilustração, percebendo traços e recursos utilizados nessas produções. Alguns filmes que exploram características de animais também podem ser apresentados: *Vida de inseto* (*A bug's life*) (1998) – direção: John Lasseter, Andrew Stanton e *Procurando Nemo* (*Finding Nemo*) (2003) – direção: Andrew Stanton e Lee Unkrich.

D) Algumas músicas sertanejas que tratam do universo caipira, geralmente de grande repercussão popular, sustentam sua poeticidade no jogo da “lógica” das expressões ou vocábulos, como se lê na letra “Tudo certo”, da dupla Tião Carreiro e Pardinho: “Jacaré carrega serra mas nunca foi carpinteiro./E o bode também tem barba não precisa ir ao barbeiro” (<http://letras.terra.com.br/tiao-carreiro-e-pardinho/1417254/>). Recurso também presente em muitos poemas para crianças e jovens.

E) Para exploração do humor provocado por jogos sonoros associados à rima entre palavras inesperadas e à onomatopeia, bem como de palavras que convocam à resolução de enigmas, pode-se propor, em sala, a audição de cantigas de roda, como “A barata diz que tem”, e da música “Sopa”, de Paulo Tatit e Sandra Peres do grupo Palavra Cantada (<http://www.webletras.com.br/musica/palavra-cantada/sopa>).

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad. Michel Lahud; Yara F. Vieira. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p.235-63.
- CORTINA, Arnaldo. *Leitor contemporâneo: os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2004*. Araraquara, 2006. 252p. Tese (Livre-Docência em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HUYSEN, Andreas. Introdução; A dialética oculta: vanguarda – tecnologia – cultura de massa. In: _____. *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p.7-40.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999. vol.2.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Trad. José Navarro. Lisboa: Gradiva, 1989.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas ontogenéticas. In: _____; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p.21-39.

Atividades

I – Acesse um blog sobre literatura e escolha uma matéria ou postagem. Em seguida, faça um comentário e, depois, por meio de *printscreen*, remeta a cópia da página ao seu tutor.

II – A partir dos conceitos de dialogia e intertexto, monte duas sequências de atividades que envolvam estes três elementos: a) leitura de texto literário; b) apreciação de artes visuais (telas, fotografias, desenhos); c) audição de música e leitura da letra. Poste a atividade para seu tutor, identificando-se com seu nome e sua turma.

III – Leia atentamente o poema de Manuel de Barros e responda às seguintes questões:

As bênçãos¹⁰

Não tenho a anatomia de uma garça pra receber
em mim os perfumes do azul.
Mas eu recebo.
É uma bênção.
Às vezes se tenho uma tristeza, as andorinhas me
namoram mais de perto.
Fico enamorado.
É uma bênção.
Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro
para que se tornem peregrinos do chão.
Eles se tornam.
É uma bênção.

¹⁰ BARROS, Manuel de. Bênçãos. In: _____. *O fazedor de amanhecer*. Ilustr. Ziraldo. Rio de Janeiro: Slamandra, 2001.

Até alguém já chegou de me ver passar a mão nos cabelos de Deus!
Eu só queria agradecer.

- a) Como se define o eu lírico em relação às bênçãos que recebe? Que bênçãos são estas?
- b) Há duas grafias para o sinônimo de “graça divina”; benção ou bênção. Atualmente, emprega-se a primeira, contudo o poeta opta pela segunda. Explique o porquê de sua eleição, refletindo acerca do efeito de sentido que esta forma produz.
- c) Embora o texto não possua rimas, há a exploração, no plano sonoro, da repetição de consoantes – aliteração –, e de vogais – assonância. Aponte no texto exemplos de aliteração e de assonância, justificando o efeito de sentido que produzem.

IV – Dando continuidade à leitura de *Bisa Bia, bisa Bel*, de Ana Maria Machado, participe do *Fórum 3*:

Fórum 3: Debate sobre a obra de Ana Maria Machado

Observe atentamente o quadro de Picasso, intitulado **Dora Maar** (1937 – Óleo sobre tela, 92 x 65 cm, Paris Musée Picasso), no qual há uma fusão de imagens. Nele, pode-se ver ao mesmo tempo uma mulher em várias dimensões, de frente e de lado, assim como a gola de seu vestido e a cadeira em que ela se senta. A leitura deste quadro pode revelar que passado e presente ou presente e futuro estão representados em um único espaço. A seguir, responda, como ele pode ser associado à obra de Ana Maria Machado, indicando outras obras ou textos que poderiam dialogar com a tela e/ou com a obra **Bisa Bia, bisa Bel** em um possível trabalho de mediação de leitura.



(*Dora Maar*, 1937. In: WALTHER, Ingo; TASCHEN, Benedikt. *Picasso: Pablo Picasso 1881-1973 – O gênio do século*. Trad. Ana Maria Cortes Kollert, 1993, p.62)

LEITURA COMPLEMENTAR

1. Matéria de revista: Só Shakespeare salva.

Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR71808-6060,00.html> Acesso em: 19 set. 2014.

2. Música: Palavra Cantada.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nR7ccj6GwpQ> Acesso em: 20 set. 2014.

3. Conhecimento geral: Coleção História Geral da África.

Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=0&ds_titulo=&co_autor=&no_autor=&co_categoria=132&pagina=1&select_action=Submit&co_midia=2&co_obra=&co_idioma=&colunaOrdenar=DS_TITULO&ordem=null Acesso em: 21 set. 2014.

4. Artigo acadêmico: Machismo, humor e leveza: fórmulas e intertexto.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v29nspe/v29nspea10.pdf> Acesso em: 19 set. 2014.

5. Conferência: Cultura da Vaidade e Consumo (Café Filosófico).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8YDuCVaOwrQ> Acesso em: 20 set. 2014.